

Evitar o phenomeno é pírta, desviar a attenção a que elle tem direito esdesprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intelligente tem uma causa intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORÇÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

REDACÇÃO

Rua 1.º de Março n. 7 (antiga do Crespo)

Accéita-se qualquer collaboração dentro do nosso programma.

TEMOR DA MORTE

Causas do temor da Morte. — Porque os espiritos não temem a morte.

CAUSAS DO TEMOR DA MORTE

O homem, seja qual fôr o grão da escala a que pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento innato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a ultima palavra da existencia, e que aquelles por quem choramos não estão perdidos para sempre. A crença no porvir é intuitiva, e infinitamente mais geral do que a do nada.

Como, pois, acontece achar-se ainda, nos que creem na immortalidade d'alma, tanta adhesão ás cousas da terra e tão grande mêdo da morte?

O receio da morte é um effeito da sabedoria da Providencia, e uma consequencia do espirito de conservação commum á todos os viventes.

Elle é necessario emquanto o homem não está sufficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como paradeiro ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a desprezar o trabalho d'este mundo, que deve servir para o seu proprio adiantamento.

Essa é a causa porque, entre os povos primitivos, não é o futuro mais que uma intuição vaga, mais tarde uma simples esperanza, que transforma-se mais tarde ainda em certeza, certeza porém contrapesada por um secreto apego á vida corporia.

A medida que o homem me-

lhor comprehende a vida futura, o temor da morte diminue; mas ao mesmo tempo, melhor comprehende a missão sua na terra, espera seu fim com mais calma, resignação e sem temor.

A certeza da vida futura dá-lhes ás idéas outra senda, alvo diverso á seus trabalhos; emquanto não alcança essa certeza, só trabalha pela vida actual; obtida ella, trabalha em pròl do futuro sem desprezar o presente, porque sabe que da direcção mais ou menos acertada que a este der depende o seu porvir.

A certeza de tornar a achar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera sobre a terra, *de não perder um só fructo do seu trabalho*, de engrandecer incessantemente em intelligancia e em perfeição, dá-lhe paciencia para esperar e coragem para supportar as fadigas momentaneas da vida terrestre. A solidariedade que elle vê estabelecer-se entre os mortos e os vivos faz-lhe comprehender a que deve existir entre estes; desde então tem a fraternidade sua razão de ser, e a caridade um alvo no presente e no futuro.

Para libertar-se dos temores da morte, é mister poder encarnal-a sob seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado, pelo pensamento, no mundo espiritual, e ter feito d'elle uma idéa tão exacta quanto possivel, o que denota no espirito encarnado um certo desenvolvimento e certa aptidão para desprender-se da matéria. Entre aquelles que não estão sufficientemente adiantados, a vida material prevalece ainda sobre a espiritual.

O homem, affeiçoando-se com apego ao exterior, não vê a vida senão no corpo, entretanto que a vida real está na alma, privado de vida o corpo, tudo á seus olhos está perdido, e desespera.

Se, porém, em vez de concentrar seu pensamento na veste exterior, o derigisse para a fonte mesma da vida, para a alma, que é o sêr real sobrevivente a tudo, lamentaria então menos o corpo, fonte de tantas miserias e dôres; mas para isso faz-se necessaria uma força, que o espirito só adquire com a maturidade.

O mêdo da morte depende, pois, da insufficiencia das noções sobre a vida futura; mas

denota a necessidade de viver, e o receio que seja a destruição do corpo o fim de tudo; elle é assim provocado pelo secreto desejo de que sobreviva a alma, desfarçado ainda pela incerteza.

O temor fraquêa á medida que a certeza se fórma, e desaparece quando esta é completa.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não offuscar o homem, cuja razão não está ainda bastante forte para supportar a perspectiva muito positiva, muito seductora, de um porvir que o fizesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intellectual.

Este estado de cousas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso.

A primeira é o aspecto com que apresentam a vida futura, aspecto que poderia satisfazer as intelligencias pouco adiantadas, mas não as exigencias da razão dos homens que reflexiona. Assim estes dizem: «Desde que se nos apresenta como verdades absolutas principios contestados pela logica, e pelos dados positivos da sciencia, é porque não são verdades.»

D'ahi resulta para uns a incredulidade, para um grande numero uma crença mesclada de duvida. A vida futura é para elles uma idéa vaga e mais uma probabilidade, do que uma certeza absoluta; acreditão n'ella, quererão que fosse tal e apesar seu dizem: Si todavia assim não fosse! O presente é positivo, occupemo-nos d'elle primeiro; o futuro virá por demais.

E depois acrescentão, o que é um definitivo, a alma? E' um ponto, um atomo, uma faisca, uma chama? Como se sente ella? Como vê? Como percebe? Não considerão a alma como uma realidade effectiva: é uma abstracção. Os sêres que lhes são caros, reduzidos no pensar ao estado de atomos, estão por assim dizer perdidos para elles, e não possuem mais á seus olhos as qualidades que os fazia amalos; não podem comprehender o amor de uma faisca, nem o que por ella se possa ter, e quanto a si ficão mediocrementes satisfeitos de serem transformados em monadas. Resulta d'ahi a volta ao positivismo da vida terrestre, que tem alguma cousa mais substancial. O numero dos que

são dominados por este pensamento é consideravel.

Outra razão que prende ás cousas terrenas, mesmo áquelles que mais firmemente creem na vida futura, é a impressão que conservão do ensino que sobre ella desde a infancia se lhes ha dado.

O painel, que da vida futura faz a religião, é preciso convir, nem é muito seductor, nem muito consolador. De um lado vê-se n'elle as contorsões dos condemnados que expia nas chammas e nas torturas sem fim seus erros de um momento; para quem os seculos succedem aos seculos sem esperanza de linitivo nem de piedade; e, o que é ainda mais atroz, para quem o arrependimento é sem efficacia.

De outro lado, as almas do purgatorio, abatidas e afflictas, esperando seu livramento da bôa vontade dos vivos, que intercederão ou farão rezar por ellas, e não dos seus proprios esforços para progredirem. Essas duas categorias compõem a maioria immensa da população do outro mundo. Acima d'ellas paira a muito limitada categoria dos escolhidos, que gozão de uma beatitude contemplativa por toda a eternidade. Esta inutilidade eterna, preferivel sem duvida ao nada, não deixa entretanto de ser uma monotonia fastidiosa. E vê-se, nas pinturas que retratão os bemaventurados, figuras angelicas, mas que respirão antes o tedio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem á idéa instinctiva do progresso, unica que parece compativel com a felicidade absoluta. Custa conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só por ter recebido o baptismo, esteja no mesmo nivel do homem que chegou ao mais alto grão da sciencia e da moralidade pratica, depois de largos annos de trabalho. Menos concebivel ainda é que o menino morto em tenridade, antes de ter consciencia de si e de seus actos, goze dos privilegios, pelo simples facto de uma cerimonia, na qual sua vontade não teve parte alguma.

Estes pensamentos não deixão de agitar os mais fervorosos por pouco que meditem.

Não entrando em conta para a felicidade futura o trabalho progressivo que desempenhão

na terra, a facilidade com que acreditão adquerir essa facilidade por meio de algumas praticas exteriores, a possibilidade até de compral-a a dinheiro, sem reforma séria do character e dos costumes, deixão aos gozos do mundo todo o valor. Mais de um crente diz no seu fôro intimo que visto seu futuro estar garantido pela satisfação de certas formulas, ou por dadas posthumas, que de nada o privão, seria superfluo impôr-se sacrificios ou outro qualquer incommodo em beneficio de outrem, desde que pôde-se conseguir a salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente não é esse o pensamento de todos, porque ha grandes e bellas excepções; mas não se pôde negar que seja o do maior numero, sobretudo das massas pouco esclarecidas; não se pôde dissimular que a idéa que se faz das condições para ser-se feliz no outro mundo entretém o apego aos bens d'este, e como consequencias o egoismo.

Além d'isto, nos usos, tudo concorre para fazer lamentar a vida terrestre, e temer a passagem da terra para o céu. A morte é rodeada de cerimoniaes lugubres, que terrorisão em vez de provocarem esperanza. Se pintão a morte é sempre sob um aspecto repulsivo, e nunca como um somno da transição. Seus emblemas recordão todos a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; e nenhum symbolisa a alma despreendendo-se radiosa de seus grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só é acompanhada das lamentações dos que sobrevivem, como se immensa desgraça tombára sobre os que partem, dizendo-lhes um eterno adeus, como se nunca mais os devessem tornar a vêr: o que se lamenta por elles são os gozos d'este mundo, como se não devessem encontrar maiores no outro. « Que desgraça, se diz, morre-se quando se é moço, rico, feliz, e tem-se diante de si um futuro brilhante. » A idéa de uma situação mais feliz toca apenas de leve o pensamento, porque não tem n'elle raizes.

Tudo concorre, pois, para inspirar o terror da morte, em lugar de fazer nascer a esperanza. O homem sem duvida empregará ainda longo tempo em se desfazer d'esses prejuizos, mas o conseguirá á medida que sua fé se for firmando, e que elle fizer uma idéa mais sã da vida espirital.

Demais, a crença vulgar colloca as almas em regiões apenas accessiveis ao pensamento; onde se tornão de alguma sorte estranhas aos sobreviventes; a igreja mesma põe entre ellas e estes uma barreira impossivel

de transpor: ella declara interompidas todas as relações, impossivel qualquer comunicação. Se ellas estão no inferno, está para sempre perdida a esperanza de as tornar a ver, a menos que se va lá ter tambem; se estão entre os escolhidos, estão inteiramente absorvidas por sua beatitude contemplativa.

Tudo isso interpõe entre os vivos e os mortos uma distancia tal, que se encara a separação como eterna; eis porque se prefere ter perto de si, mesmo sofrendo na terra, os entes que se ama, a vel-os partir, mesmo para o céu: Demais, a alma que está no céu será realmente feliz, vendo, por exemplo, seu filho, seu pai, sua mãe, ou seus amigos, arder eternamente?

PORQUE OS ESPIRITOS NÃO TEMEM A MORTE

A doutrina espirita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é uma hypothese, porém uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um systema, porém sim um resultado de observação. Ergueu-se o véo; o mundo espirital nos apparece em toda a sua realidade pratica; não forão es-homens que o descobrirão pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os mesmos habitantes d'esse mundo que nos vêem descrever a situação d'elles; ahi os vemos em todos os degrãos da escala espirital; em todas as phases da felicidade e da infelicidade; assistimos, emfim, a todas as peripecias da vida de além-tumulo. Essa é a causa, para os espiritos, da calma com que encaráo a morte, da serenidade de seus ultimos instantes sobre a terra.

Não é sómente a esperanza que os sustenta, é a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições, e esperão-na com a mesma confiança com que esperão o nascer do sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos d'esta confiança estão nos factos de que elles são testemunhas, e no accordo d'esses factos com a logica, com a justiça e bondade de Deus, e com as aspirações intimas do homem.

Para os espiritas a alma não é mais uma abstracção; ella tem um corpo ethereo, que a transforma em um sêr definido, que o pensamento abraça e concebe; já é muito para fixar as idéas sobre sua individualidade, suas aptidões e percepções. A saudade d'aquelles que nos são caros repousa sobre cousa real. Não se os representa mais como chammãs fugitivas que nada recordão ao pensamento, mas sob uma forma concreta que nol-os mostra melhor como sêres vi-

vos. Depois, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporeo e o espirital estão em relações perpetuas; assistem-se mutuamente. Não sendo mais permittida a duvida sobre o porvir, não tem mais razão de ser o mêdo da morte; de sangue frio vê-se-a vir como um livramento, como a porta da vida, e não como a do nada.

A. K.

(Céu e Inferno).

CREAÇÕES DA VONTADE

(REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME)

As creações fluidicas da vontade não são concepções puramente imaginativas; ellas existem realmente, e a vontade, projecção de força, fonte de energia, impressiona o ether psychico, aggrega-lhes as moléculas e determina a formação de entidades perfeitamente definidas.

A substancia etherica, isto é, a materia subtil e, por assim dizer, espiritualizada, é impressionavel aos menores movimentos do pensamento humano. Como o ar vibra em forma de som, o ether psychico vibra sob a influencia da vontade e soffre a acção do pensamento humano.

Essa acção se traduz por uma impressão luminosa, isto é, por uma forma; traduz-se igualmente por uma força, o que quer dizer que é susceptivel de mover-se em uma determinada direcção e agir á distancia.

Essa criação da vontade encerra tambem uma especie de electricidade, de magnitismo, que dota-a de um poder attractivo, ou repulsivo permittindo-lhe, queragregar-se a outras manifestações analogas, quer dissolver-se.

O pensamento é a força inicial e credora por excellencia, seja elle o pensamento divino, manifestação da intelligencia universal nas obras da criação, ou seja o pensamento humano em seu modo de acção mais limitado.

O pensamento divino, perfeito e harmonico, materializa-se pouco a pouco na substancia para ahi organizar a vida: o pensamento humano, imperfeito e limitado, não realisa mais na materia as leis geraes do universo; como, porém, o homem é o microcosmo do grande todo, repete em uma exigua medida a accção divinal magistral e, tambem elle, impressiona e aggrega os atomos da materia.

A materia etherica, impressionavel á vontade do homem, forma como que uma vasta zo-

na de substancia plastica que a vontade humana trabalha, modela a seu talante.

Os movimentos que a vontade imprime ao ether psychico apresentam aspectos diferentes e produzem diferentes phenomenos em relação com a natureza e a emissão do movimento.

Os pensamentos semi-inconscientes que o ser humano deixa emanar de si mesmo, dotados de uma fraca energia, de um movimento lento, impressionam pouco ether psychico, e a impressão vaga e de curta duração não aggrega senão fracamente os atomos. A forma que resulta d'esses pensamentos semi-inconsciente, sem cunho determinado, extingue-se depressa. Se ao contrario, o pensamento energicamente concebido é projectado com energia, manifesta-se por uma forma nitidamente determinada e cuja persistencia está em relação directa com a intensidade do movimento e com a applicação do metal humano sobre esse pensamento.

Um pensamento fixo ou dominante cria uma imagem nitida e de uma duração que pode ser muito longa. Essa imagem ou força, porque ella está longe de ser inerte, pôde ser dirigida pela vontade para um fim determinado e manifestar-se para uma influencia sencivel ou occulta.

A vontade produz verdadeiras correntes psychicas que atrahem os pensamentos analogos e luctam contra os pensamentos contrarios. E como o homem pensa continuamente, as creações de sua vontade povoam o mundo psychico e podem ser percebidas por certos videntes.

Muitissimas vezes um sensitivo somnambulico, ou dotado da dupla vista percebendo essas imagens que cada um de nós possui em sua atmosphaera perispiritual, tem a illusão de devassar o futuro, emquanto que não vê senão as formas emanadas dos nossos desejos, ou produzidas pela nossa imaginação.

As creações da vontade se transformam com a natureza dos pensamentos iniciaes. Os pensamentos de ordem material, isto é, inspirados em coisas concretas, affctam a phisionomia do objecto real a que se referem. Assim, o pensamento relativo a um gato creará a forma psychica de um gato, o relativo a uma flôr creará uma flôr, etc.; se os pensamentos, ultrapassando a ordem material se elevam á ordem espirital, manifestam-se por movimentos cuja impressão é mais simples e que se traduzirão, quer por uma vibração harmonica, quer por uma forma geometrica, quer

por uma impressão puramente luminosa e colorida.

Assim, os pensamentos de bondade, de justiça, de caridade, de amor, todos os sentimentos nobres e elevados que são coisas abstractas, projectados no ether psychico, ahi se desenvolvem sob o aspecto de movimentos luminosos cujas ondas apresenta ao sentido de um vidente desenvolvido admiráveis variações coloridas, ou formas geometricas de uma harmonia perfeita.

Ao contrario, as creações da vontade má produzem movimentos vibratorios inharmonicos, cuja impressão produzem a visão de tintas lugubres, de linhas quebradas, de formas mutiladas.

E' muito difficil vos diffinir de outro modo essas creações muito reaes da vontade, antes de tudo porque vos é quasi impossivel conceber outras formas que não sejam as apreciadas pelos vossos sentidos, e porque vos é ainda mais difficil comprehender que haja manifestações de materia sem forma, isto é que se traduzem ao unico sentido da alma pela propria harmonia que n'ellas existe.

Todas as noções que possuis da harmonia vos são fornecidas por uma equivalencia, uma correspondencia material; destruida essa correspondencia, a harmonia nem por isso deixa de existir.

O musico que compõe uma sonata encerra em seu cerebro a essencia da harmonia que elle em seguida traduzia por meio da notação musical e nos instrumentos; e entretanto, antes mesmo que tenha vibrado uma nota o artista tem a percepção nitida do que vai logo depois exprimir materialmente.

Assim, para resumir, diremos que das creações da nossa vontade, um certo numero — todas as que são o resultado de um pensamento material relativo a uma coisa concreta — impressiona o ether psychico de um movimento vibratorio que produz com mais ou menos intensidade e duração o aspecto da coisa concreta; enquanto que os pensamentos relativos a coisas abstractas e puramente espirituas, boas ou más, transmitem ao ether vibrações mais subtis, traduzidas por linhas ou por luminosidades; finalmente os pensamentos absolutamente elevados são forças demasiado puras para se objectivarem mesmo em uma vibração luminosa; ou essa luz está de tal modo acima das manifestações ordinarias que esses movimentos não podem ser percebidos senão por seres extraordinariamente auidos.

O ether psychico é perpetuamente influenciado pela vontade humana; as imagens, as di-

versas forças emanadas do individuo ahi se attrahem, se agregam, se anniquilam mutuamente ou se repellem o homem é constantemente accionado por por essas forças que projecta no mundo astral. Reforçadas pelo magnetismo que se desprende da volição humana, essas creações determinam as correntes de idéas, de sentimentos, que se impõem actualmentemente á humanidade, correntes que imprimem os movimentos sociaes, que impressionam as multidões que auxiliam o progresso ou que o embarçam, conforme a sua natureza, e que constituem uma especie de circulação psychica eminentemente fecunda.

Quando a sciencia tiver reconhecido, verificado, registrado as creações do pensamento humano, quando tiver demonstrado, com a sua existencia, a sua acção occulta e as leis que presidem ao seu modo de evolução o homem comprehenderá que não lhe basta agir exteriormente segundo a lei moral, se em sua mente elle cria formas ruins e desharmonicas, se projecta no universo espiritual essas forças mysteriosas e funestas que em seguida reagem sobre outros seres.

O homem compenetrado d'esta grande verdade — a tangibilidade do pensamento, porá sua vida espiritual mais em relação com as leis divinas, e, elevando o nivel de suas creações psychicas, elevar-se-ha a si mesmo, ao mesmo tempo que elevará o nivel geral da humanidade.

Então a somma dos pensamentos puros e bons ultrapassará a somma das más intellecções, e pouco a pouco a luz expellindo as trevas, o bem repellerá o mal e o reduzirá gradualmente á impotencia.

Um Espirito.

FACTOS ESPIRITAS

Moldes dos pés de espiritos materializados com o auxilio da parafina

Na experiencia realisada em Belper (Inglaterra) M. W. P. Adshad empregou uma gaiola, construida especialmente para nella ser encerrado o medium durante as sessões de materialisação, afim de resolver definitivamente esta questão: — a aparição da figura materializado é ou não, uma coisa distincta da pessoa de medium?

Esta questão foi resolvida affirmativamente.

O medium Miss Wood foi collocado em uma gaiola cuja porta fechou-se com parafusos. Foi nessas condições que viram-se apparecer dous phantasmas: — o de uma mulher conhecida pelo nome de Meggie, e em seguida o de um homem chamado Benny.

Ambos sahiram do gabinete; estas figuras em seguida materialisaram-se e desmaterialisaram-se deante dos espectadores e enfim, procederam, successivamente a moldagem de um de seus pés, na parafina.

“Foi Meggie que tentou a operação primeiramente. Sahindo do gabinete, ella aproximou-se de M. Smedley e collocou a mão sobre as costas da cadeira que elle occupava. M. Smedley perguntou si o espirito precisava de cadeira; Meggie fez com a cabeça um signal affirmativo.

«Elle se levantou e collocou a cadeira deante de dois baldes em um dos quaes havia agua quente com uma camada de parafina derretida, na superficie e no outro, agua fria.

«Meggie assentou-se, colheu seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente na parafina derretida e na agua fria, continuando esse movimento até que o molde ficasse concluido.

«O phantasma estava tão bem encoberto por suas vestimentas que não nos foi mais possivel reconhecer o operador. Um dos assistentes, illudido pela vivacidade dos gestos, exclamou: “E' Benny”. Então a aparição collocou a mão sobre a de M. Smedley, como para lhe dizer: “Toque para saber quem sou”. “E' Meggie”, proferiu M. Smedley ella acaba de me estender sua pequena mão.»

“Quando a camada de parafina attingiu a espessura desejada Meggie descançou o pé esquerdo sobre o joelho direito e ficou nessa posição cerca de dois minutos; depois elevou o molde, segurou-o algum tempo no ar e bateu em cima de maneira que todas as pessoas presentes pudessem vel-o e ouvir as pancadas; depois a meu pedido, m'o entregou, e depositou-o em um logar seguro.

“Meggie tentou em seguida a mesma experiencia com o pé direito mas, depois de tel-o molhado duas ou tres vezes, se levantou, provavelmente após o esgotamento de suas forças, retirou-se para o gabinete e não mais voltou.

“A parafina que tinha adherido a seu pé direito foi em seguida acha la sobre o soalho do gabinete.

“Chegou então a vez de Benny. Elle fez um cumprimento geral, e, segundo seu habito, descançou sua grande mão sobre a cabeça de M. Smedley; tomou a cadeira que se lhe dava e collocou-a deante dos baldes, assentou-se e nelles começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente, como o tinha feito Meggie, mas com muito mais agilidade.

“A rapidez de seus movimentos dava-lhe a apparencia de

uma pequena machina a vapor, conforme a comparação de um dos assistentes.

“Afim de dar aos leitores uma idéa exacta das condições favoraveis em que se achavam os espectadores para seguir as operações, direi que durante a moldagem do pé de Benny, M. Smedley estava assentado immediatamente á direita do phantasma, de sorte que este poudescaçar a mão sobre sua cabeça e acariciar-lhe a face.

Eu estava á esquerda de Benny e tão proximo que pude tomar o molde que elle me entregava sem deixar meu logar; as pessoas que occupavam a primeira fileira de cadeiras estavam distanciadas dos dois baldes cerca de tres pés.

“Todos podiam acompanhar muito bem a operação desde a primeira immersão do pé até a terminação do molde; o phenomeno é para nós um facto tão verdadeiro como a claridade do sol ou a queda da neve..

“Si alguém dentre nós tivesse suspeitado que o medium empregava um artificio subtil qualquer para nos offerecer o molde do seu proprio pé, a suspeita teria desapparecido infallivelmente á vista do molde do pé esquerdo de Benny e que por este me foi entregue logo depois de tel-o tirado, em presença de todos os assistentes.

Eu não pude então reter a

exclamação: “Que differença.”

«Quando Benny acabou a moldagem, collocou a cadeira em seu logar e aproximou-se dos espectadores, apertando-lhes as mãos e conversando com elles.

“De repente elle lembrou-se de que, a seu pedido a porta da gaiola tinha ficado entre-aberta e, querendo nos provar que apesar dessa circumstancia o medium não tinha intervindo em nada na experiencia, encostou a mesa na porta da gaiola depois de a ter fechado, segurou meu braço com as duas mãos, apertou-o com força sobre a mesa, como se quizesse dizer-me que eu não devia deixal-a deslocar-se nem de uma pollegada; em seguida se inclinou para apanhar uma caixa de musica que encontrou á gaiola em uma posição inclinada, com uma aresta apoiada contra a porta da gaiola, a outra repousada no soalho, de sorte que ao se abrir a porta infallivelmente derrubaria a caixa. Nesse meio tempo Benny despediu-se e desappareceu.

“Resta-me assegurar que a mesa não se mexeu, que depois da sessão, a caixa de musica foi achada encostada á gaiola, no mesmo logar, e que o medium estava dentro della amarrado á cadeira, e em estado de lethargia.

«De tudo o que precede é pre-

ciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em condições tão conclusivas como si a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos.

«Admittindo mesmo que a experiencia com a gaiola deixasse a desejar, os resultados adquiridos não exigem menos uma explicação.

Em primeiro lugar, um individuo não tem senão um unico pé esquerdo, ao passo que os moldes por nós obtidos pertencem a dois pés esquerdos, dissemelhantes por suas dimensões e conformação: o pé de Benny tinha 9 pollegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete estava tão cuidadosamente vigiado que nenhum ser humano poderia nelle penetrar sem ser immediatamente descoberto.

«Então, si os moldes em questão não foram tirados dos pés do medium,—o que me parece provado de uma maneira absoluta,—quaes foram pois os pés que serviram de modelo? (*Psychische Studien*, Dezembro de 1878, pags. 545 e 548; *Medium*, 1877, pag. 159).

NOTICIAS

especto. **Bezerra de Menezes**

Acaba de ceder a lei fatal que roge a humanidade, o grande e humanitario cidadão Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Presidente da *Federação Spiritista* do Rio de Janeiro.

Não temos competencia para fazermos o necrologio desse eminente espirito que tomou como divisa—*amar ao proximo como a si mesmo*—, porém, sectarios da mesma crença, não podemos deixar de dar o ultimo adeus a esse companheiro que vai ter a prova evidente das doutrinas que pregou e praticou, e, pedimos-lhe que, lá, onde seu illustrado espirito deve passar, nos auxilie a levar ao fim a nossa missão de humildes propagadores da grande doutrina spiritista, e que seja tambem o interprete perante o Todo Poderoso de nossos rogos e sinceras supplicas pelo arrependimento dos infelizes descrentes.

Com o titulo—*A Doutrina* acaba de sahir a luz da publicidade em Curitiba, um novo orgão do spiritismo, que vem defender e propagar tão sublimedéa.

Desejamos-lhe vida longa e prospera na carreira que escolheu.

Publicações

Recebemos e agradecemos: os ns. 406 e 407 do *Reformador*; 235, da *Verdade e Luz*; 42, do *Amor, Perdão e Caridade*; 1, da *Doutrina*, 6, da *Caridade*; *Il Vessillo Spiritista*, de Milão; 7, 8, 9, 10, da revista *L'Humanité Integrale*, de Paris; 8, da *Revista de Estudos Psicologicos*, de Barcelona, 18, da *Revista Espirita*, de Porto Alegre; e 13, da *Gazeta de Ubá*.

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec

PRIMEIRA PARTE

2.º Dialogo

O SCEPTICO

(Continuação)

V. — Perfeitamente; eis ahi um sabio raciocinando com sabedoria e prudencia; e, sem ser sabio, eu penso como elle; nota, porém, que elle nada affirma; elle duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existencia dos Espiritos e, sobre tudo, na sua communicação comnosco?

A. K. — Essa crença se apoia sobre o raciocinio e sobre os factos.

Eu proprio não adoptei-a senão depois de maduro exame.

Tendo contrahido, no estudo das sciencias exactas, o habito das cousas positivas, sondei, perscrutei esta nova sciencia nos seus mais intimos refulhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo accetar idéa alguma, sem conhecer-lhe os como e os porque.

Eis um raciocinio que me fazia um sabio medico, outr'ora incredulo e hoje fervoroso adepto:

« Dizem que seres invisiveis se communicam, porque negal-o?

« Antes de inventar-se o microscopio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animaculos, que causam tantos estragos na economia?

« Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos?

« Teremos, por acaso, a ridicula pretensão de saber tudo, e de dizer a Deus que elle nada mais nos póde ensinar?

« Se esses seres invisiveis que nos rodeiam, são intelligentes, porque não se poderão communicar comnosco?

Se elles estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida destes.

« Quem sabe se elles não constituem uma das potencias da natureza, uma dessas forças occultas de que nem suspeitavamos.

« Que novo horisonte vac isto abrir o pensamento!

« Que campo tão vasto de observação!

« A descoberta do mundo dos invisiveis tem muito mais alcance que as dos infinitamente pequenos; ella é mais que uma descoberta, é uma revolução nas idéas.

« Quanta luz póde saltar dessa fonte! Quantas cousas mysteriosas irão encontrar n'ella a sua explicação!

« Os crentes são ridicularizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo tem se dado a respeito de todas as grandes descobertas?

« Christovam Colombo não foi repellido, sobrecarregado de desgosto, tratado como insensato?

« São idéas tão estranhas, dizem, que não se lhes póde dar credito; mas a isso se póde responder que data de um meio seculo a possibilidade de, em alguns minutos, estabelecer-se uma correspondencia entre dous pontos oppostos do nosso planeta; de, em algumas horas, atravessar-se a França; de, com o fumo produzido com um pouco de agua fervendo, um navio avançar contra o vento; de tirarmos da agua os meios de esclarecer-mos e aquecermo-nos.

« Quem, ha meio seculo, tivesse proposto illuminar toda a cidade de Pariz, em um instante e com um só reservatorio de uma substancia invisivel, só conseguiria fazer rir de si.

« Será, por ventura, uma cousa mais prodigiosa, que o espaço seja povoado de seres pensantes que, depois de haverem vivido na Terra, n'ella deixaram seu envolvero material?

« Não se achará n'este facto a explicação das tantas crenças, que tem dividido os homens desde os mais remotos tempos?

« São cousas que bem merecem um estudo aprofundado.»

Eis reflexões de um sabio, mas de um sabio sem pretensão: ellas são igualmente feitas por muitos outros homens esclarecidos; todos elles viram, não superficialmente e com um animo prevenido; elles estudaram seriamente e sem partido fixo, e tiveram a modestia de não dizer:

Porque eu não comprehendo, isto não póde ser a verdade.

Sua convicção formou-se pela observação e o raciocinio.

Se essas idéas fossem uma chimera, acreditaes que todos esses homens sizudos as tivessem adoptado? Que por tanto tempo elles tenham sido victimas de uma illusão?

Não ha, pois impossibilidade

material em que existam seres invisiveis para nós, povoando o espaço, e esta só consideração devia bastar para exigir mas circumspecção.

Quem, ha bem pouco, poderia pensar que uma só gotta de agua limpida encerrasse milhares de seres, cuja pequenez extrema confunde a nossa imaginação?

Ora, eu digo que ha mais difficuldade em conceber a nossa razão seres de tal tenuidade, providos de todos os nossos orgão e funcionando como nós, do que aquelles a quem damos o nome de Espiritos.

V. — Sem duvida, mas por ser uma cousa possivel, não devemos concluir que exista.

A. K. — E' exacto; mas não podeis deixar de convir que, desde que uma cousa não é impossivel, já ella adiantou, porque a razão não a repelle.

Resta, pois, que a observação dos factos venha nos demonstrar a sua existencia.

Esta observação não é nova: tanto a historia sagrada como a profana provam a antiguidade e a universalidade dessa crença que perpetuou-se, atravez de todas as vicissitudes porque tem passado o mundo, e se mostra, entre os povos os mais selvagens, no estado de idéas innatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ente Supremo e da existencia futura.

O Spiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem ou, talvez melhor que nós; somente, elle não era ensinado, senão com precauções mysteriosas que o tornavam inacessivel ao vulgo, abandonado de proposito no lamaçal da superstição.

Quanto aos factos, elles são de duas naturezas: uns são espontaneos e outros provocados.

Entre os primeiros estão as visões e aparições, tão frequentes; os ruidos, barulhos e perturbações de objectos, sem causa material e apparente, e um grande numero de effeitos insolitos, que olhavam como sobrenaturaes e hoje nos parecem simples, porque não admittimos o sobrenatural, pois que tudo no mundo está sujeito ás leis da natureza.

Os factos provocados são os obtidos por intermedio de medium.

(Continúa).

Atelier Miranda